

Trilha do Pitoco: natureza e tradição na rota do turismo do vale do Rio Uruguai

Adiles Savoldiⁱ

Universidade Federal da Fronteira Sul

Arlene Renkⁱⁱ

Universidade Comunitária da Região de Chapecó

Resumo: A trilha do Pitoco localiza-se nas margens do Rio Uruguai (em Chapecó SC), mais especificamente na Linha Alto Capinzal, que fica aproximadamente a 28 km da cidade de Chapecó. A trilha acompanha o percurso de cinco cachoeiras, ao todo são 5 km (ida e volta). Parte do caminho foi adaptada para possibilitar melhor acesso aos visitantes. Além das cachoeiras há a presença de pequenos santuários com imagens católicas. O acesso à Trilha passa pela propriedade da família Figueira, que além da conservação e cuidado com a mesma, difundem os valores da cultura cabocla, com ênfase no respeito ao meio ambiente. O nome da trilha se deve ao cachorro Pitoco, mascote da família, que tornou-se conhecido por acompanhar os visitantes durante todo o percurso da trilha. No contexto da construção da Barragem Foz do Chapecó, que atinge as proximidades da trilha, vislumbram-se novas relações com o turismo. A construção da Foz cria expectativas de ampliações das possibilidades turísticas da região. No entanto, entre os tradicionais visitantes da Trilha, seja de caráter esporádico, ou os aventureiros, adeptos ao turismo de aventura, há a preocupação com a destruição do “paraíso ecológico”. O trabalho aborda o entendimento dos moradores e visitantes neste contexto onde a relação tradição versus modernidade é deflagrada ora como ameaça, ora como geradora de novas possibilidades.

Palavras-chave: Turismo; Natureza; Cultura; Tradição.

Title: Pitoco's Trail: nature and tradition on the tourism route along the Uruguay River valley.

Abstract: Pitoco's Trail is located by Uruguay River (in Chapecó SC), more specifically in Linha Alto Capinzal, about 28 km far from Chapecó City. The trail passes along five waterfalls, totalizing 5 km (on a round trip). Part of the path has been adapted to allow better access for visitors. In addition to the waterfalls there are small shrines with Catholic imagery. Access to the trail is possible going through the Figueira family property. They care for the conservation of the trail, and also spread cultural values from colonial “Cabocla” tradition, emphasizing the need to respect environment. The track was given that name due to the dog Pitoco, the family pet, who is well-known for accompanying visitors along the trail. As the Foz de Chapecó Dam, which will reach the surroundings of the trail is constructed, new relationships with tourism are envisioned. The construction of the dam has created expectations due to the possibility of tourism expansion; however, among traditional visitors of the Trail, either sporadic visitors or repeaters who practice adventure tourism, concern about the destruction of this “ecological paradise” has begun. This paper focuses the understanding of the issue by residents and visitors, being that the dam can be seen either as a threat for the trail, or either as a generator of new economic possibilities.

Keywords: Tourism; Nature; Culture; Tradition.

ⁱ Mestre em Antropologia Social, Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail: adiles@uffs.edu.br

ⁱⁱ Doutora em Antropologia Social, Professora da Universidade Comunitária da Região de Chapecó. E-mail: arlene@unochapeco.edu.br

Introdução: Da natureza à cultura¹

As histórias sobre o Rio Uruguai não se restringem apenas às histórias de pescadores. O rio cruza caminhos, vidas, experiências. Neste artigo trazemos alguns fragmentos das histórias das populações ribeirinhas e de sua relação com os visitantes da Trilha do Pitoco, que deve seu nome ao cachorrinho Pitoco, cuja fotografia é mostrada mais adiante. O antropólogo Mauro Leonel (1998), estudioso da Amazônia, dedicou-se a estudar a morte social dos rios, título de um de seus livros. Neste caso, tomamos como mote seu estudo e nos deslocamos ao contexto do Rio Uruguai e da construção da Hidrelétrica Foz do Chapecó, para o estudo dos saberes locais. Os saberes locais são entendidos aqui, como os patrimônios material e imaterial das populações locais, em consonância com as Convenções da UNESCO (1972; 2003)

O saber local, para Geertz (1998), é um produto da cultura, concebendo-a como um conjunto de símbolos e significados estabelecidos socialmente, as teias de sentido produzidas pela cultura orientam a conduta, comportamentos e também constroem o homem.

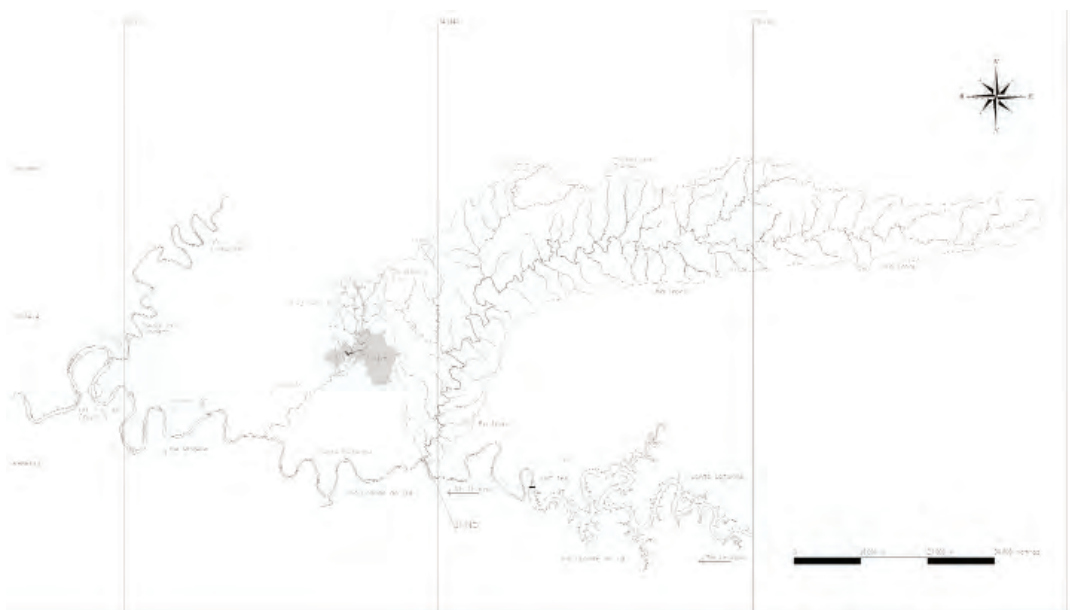
O Rio Uruguai nasce na Serra Geral, é limite dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul e depois, do Rio Grande com Argentina; integra a Bacia do Rio da Prata. Com a construção do empreendimento da Hidrelétrica Foz do Chapecó no Rio Uruguai (em funcionamento em 2010), muitas comunidades e pequenos vilarejos ribeirinhos foram parcialmente inundados. O empreendimento alagou 79,2km² e tem capacidade de gerar 855 MW.

Neste texto, utilizamos a categoria nativa caboclo para designar população residente na região anteriormente ao processo de colonização empreendido no século XIX com camponeses descendentes de alemães, italianos e portugueses. Não há fenotípia exclusiva desse grupo. O que os agrega são os valores, modo de vida, saberes diferentes daqueles dos colonizadores.

Essa população ribeirinha, constituída principalmente por caboclos, mantém negociações, conflituosas ou não, com a empresa para a indenização que considera justa ou o remanejamento compulsório, como o assentamento em Mangueirinha, no Paraná.

No entanto, há de se considerar a população das comunidades ribeirinhas ou próximas, que não terão as terras desa-

Mapa da localização da Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó



Fonte: Elaborado por Eliano Carnieletto em 2010.

propriadas, mas que serão “atingidas” com os efeitos sociais, econômicos e ambientais da hidrelétrica. Os efeitos da obra reverterão na vida social dos remanescentes, na vida material, na alteração da rede de sociabilidade, das trocas matrimoniais e comunicação entre comunidades do lado catarinense e do sul riograndense.

Os caboclos desta região ribeirinha levavam um modo de vida tradicional, de produção agrícola e animal para o auto-consumo e valiam-se da pesca alimentação e eventual venda, de modo informal. Nas décadas mais recentes, houve penetração de descendentes de alemães e ita-



Fotografia aérea da área anterior à construção da Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó.
Fonte: http://www.fozdochapeco.com.br/usina_reservatorio.php.

lianos, em atividades agrícolas ou agropastoris, ou adquirindo sítios para passar os finais de semana. Num e noutro casos, diferenciam-se dos caboclos estabelecidos. Assim, o padrão tradicional de vida dessas populações sofre alteração no substrato morfológico, seja, pela presença de agricultores, de cidadãos que adquirem sítios, anteriormente explorados em agricultura de subsistência, e agora adquiridos para construção de casas de campo, ao que deve somar-se as atividades desencadeadas pela Foz do Chapecó.

No contexto da construção da Barragem Foz do Chapecó, que atingiu as proximidades da trilha do Pitoco, vislumbram-se novos contextos, como o deslocamento da vizinhança.

A família Figueira, que administra o turismo da Trilha do Pitoco se ressentida da ausência dos vizinhos, que tiveram que abandonar o local em virtude da construção da Barragem.

A família cobra uma taxa simbólica aos visitantes e do mesmo modo orienta os procedimentos dos turistas. A percepção da construção da Barragem, por parte da família Figueira, é expressa com desconforto. Quando indagados sobre a possibilidade de melhores oportunidades com a construção da Barragem, Gumercindo responde: “Eu não vejo alguma coisa melhorar, eu não sei. Acho que confusão, pessoas estranhas a gente tem visto mais. Aqueles conhecidos velhos não existem mais. Tem pessoas estranhas ali que a gente até fica desconfiado: De onde será que vieram?”²

Alegam que muitos dos seus vizinhos foram embora e que a “comunidade está terminando, saiu muita gente. Eles pegaram a carta de crédito³³ e foram embora.” (Gumercindo). Quando indagado sobre a abordagem por parte dos representantes da Foz sobre a venda da propriedade alega que:

A nossa área não quiseram, quiseram apenas esse canto aqui na ponta. Ficamos apavorados porque eles disseram que fariam de qualquer jeito. Se nós não quiséssemos, eles depositariam o dinheiro em juízo e fariam igual. Então vendemos esse pedaço de terra por 30 mil só. (Gumercindo).

Gumercindo comenta com tristeza o aumento da água:

“Acho que mudou 100%. É uma tristeza ver a água no relento. Parece que aconteceu uma catástrofe natural na terra, o lajeado está indo por cima da terra, assim, no relento só, sai lá no Uruguai. Não tem uma árvore mais. Os passarinhos que a gente via lá na costa do lajeado, estão lá em cima na serra. Hoje até fui olhar um ninho de anu, eles estão indo lá pra cima em bandos. E até não sei se as moças já olharam ali no canal, lá se enxerga a destruição da água”.

O aumento da água é visto como destruição, os pássaros abandonam o local tal qual a vizinhança, “estão mexendo na natureza”, comenta Gumercindo.

Serrano (1997) e da mesma forma Luchiari (1997), dentre outros, afirmam que a natureza é uma invenção humana, pro-

duzida pela cultura. O inédito consiste em perceber a natureza como paisagem. Neste sentido Eckert (2008) enfatiza que é pertinente entender como a experiência humana cria os sentidos ao olhar, à escuta, ao cheiro, ao gosto.

Nesses jogos perceptivos, são colocadas em destaque as formas sensíveis que movem os habitantes em suas lógicas de viver os espaços e tempos culturais. A paisagem é [...] essa experiência humana plural e descontínua onde os sujeitos em suas biografias relacionam imagens motivados pelo saber e pelo imaginário. A paisagem estará lá onde a vida pulsa na qualidade de estar no mundo social, na percepção daquele que a consente na imaginação. O que está em jogo é um reencontro após o deslocamento entre aquele que sente e o sensível [...] (Eckert, 2008: 1).

A sensação, a visibilidade é submetida aos contornos da narrativa, à performance da palavra, que conforme Eckert (2008: 1) “na sua ressonância narrativa dilata a percepção agora em uma paisagem narrada a qual faz vibrar as formas sensíveis”. O turismo constrói narrativas sobre as diferentes possibilidades de vivenciar as paisagens. Há a apropriação da natureza “bruta” que é re-elaborada, recriada pela cultura. Para Kesselring (1992), na Idade Média a concepção de natureza foi influenciada pela tradição judaico-cristã que a concebeu como obra de Deus. Na modernidade, aos poucos, a natureza foi dessacralizada.

Com o advento da ciência o homem desenvolve o domínio sobre a natureza, intensifica sua intervenção. No decorrer da história tornam-se múltiplas suas redefinições do que seja a natureza.

Para Ribeiro e Barros (1994) é justamente no momento em que a intervenção humana se intensifica sobre a natureza que o turismo procura investir no marketing do natural.

A natureza depois de dessacralizada, objetificada e manipulada ao máximo pela sociedade industrial, passa a ser reencantada com valores ontológicos que se cristalizam em pólos como o de um conservacionismo radical incompatível com a

presença humana ou o de um animismo do tipo Mãe Gaia. Experimentar uma relação sui generis com a natureza entendida enquanto algo fora ou além da cultura, é, pretensa ou momentaneamente, estar fora do fetiche do capitalismo industrial. Desta forma, o turista, sem o saber, entra na posição da descotidianização, do afastamento dos fetiches e simulacros correntes no seu mundo imediato. Isto é mais forte para os praticantes do turismo ecológico de pequena escala. (Ribeiro e Barros, 1994: 7).

A natureza e suas paisagens construídas pela cultura nutrem o imaginário do turista no sentido de um retorno à natureza

Assim, afirma-se que as viagens propiciam um retorno ressignificado do passado para o sujeito que, ao defrontar-se com a impossibilidade do absolutamente novo, revisita suas próprias paisagens mentais, redescobrimo-as com outros significados, reveladores, desta vez, de novas interpretações do seu lugar e dos outros no mundo. Já o deslocamento epistemológico que o sujeito deve realizar para estar na posição do estranhamento antropológico é comparado a uma viagem horizontal - como a do viajante que se desloca no espaço, afastando-se de sua sociedade e cultura. (Ribeiro e Barros, 1994: 7).

Diante do estranhamento produzido pelo deslocamento, tanto espacial, como sensível, muitas percepções são narradas em repertórios que seguem os roteiros dos mapas cognitivos dos diferentes grupos.

Percepções da Trilha

É possível perceber como a trilha é mostrada na Internet. Há sites divulgando as belezas “naturais”. Há pessoas que postam vídeos com suas experiências. A trilha é descrita de formas distintas, inclusive com narrativas desencontradas. Nota-se que grupos distintos percebem e se relacionam com o espaço e paisagem de modos opostos. Como ilustração, trazemos as seguintes leituras da trilha:

A Trilha do Pitoco é um atrativo na-

tural composto por belas paisagens e um conjunto de cachoeiras, com acesso pela propriedade da Família Figueira. Na trilha e nas cachoeiras há piscinas naturais com águas límpidas, próprias para um bom banho. São percorridos cerca de 5 km de trilha entre ida e volta em um verdadeiro recanto ecológico, onde alguns turistas também praticam rapel. Além disso, há local para camping, jardim com flores silvestres, gruta, lanche, caldo de cana e sucos. O nome da trilha deve-se ao fato de que o cachorrinho “Pitoco”, pertencente à família conhece muito bem o caminho e está sempre pronto para receber os turistas.⁴

No Vale do Rio Uruguai, na divisa com o Rio Grande do Sul, encontra-se os principais encantos naturais do município. A revelação de suas belezas começa na estrada de acesso às comunidades de Alto Capinzal e São José do Capinzal, onde predomina uma paisagem rústica e, por isso mesmo exuberante, que permeia as curvas do Rio Uruguai. Ao descer a serra, o turista ainda pode contemplar o vale do rio. A dica é estar no local logo ao amanhecer e vivenciar o espetáculo dos primeiros raios de sol surgindo em meio à névoa que paira sobre a água e envolve todo o vale. A paisagem também pode ser observada do Mirante da Ferradura, a 15 quilômetros do centro.⁵

As expressões mais recorrentes para descrever o lugar são “verdadeiro recanto ecológico”, “encantos naturais”. A rusticidade é retratada no sentido próximo à natureza, criação divina, sem a intervenção humana.

O turismo praticado até então na Trilha do Pitoco se caracteriza, segundo informantes e visitantes, como um turismo rústico, não há um apelo mercantil. Os próprios administradores da trilha recebem os visitantes de uma maneira bem calorosa, orientados pela cultura cabocla que constrói sua identidade alicerçada em valores de solidariedade e sociabilidade.

Seu Gumercindo, responsável pela trilha, afirma que o zelo com a natureza é irrestrito, defende uma alimentação natural, não admite a idéia de vender cigarros

e outros produtos nocivos à saúde. A relação que se estabelece com os visitantes é familiar, portanto de respeito e consideração.

Segundo Renk e Savoldi (2009) a relação com a natureza é um dos pontos mais fortemente utilizados para mostrar que os caboclos estariam mais próximos aos “bons selvagens”, em oposição aos colonizadores, que são considerados os respon-



Vista aérea do Goio-En antes da construção da Barragem Foz do Chapecó
Fonte: <http://www.atividadeseducativas.com.br/projetos/comunidadecatolica/index.php>



Pitoco (Foto: Adiles Savoldi)

sáveis pela degradação do meio ambiente, portanto são caracterizados como “maus civilizados”. Na medida em que os problemas ambientais se agravam, como diminuição de florestas, áreas degradadas, contaminação dos rios, poluição, uso de agrotóxicos e outros problemas, os caboclos acionam o seu lado natureza. À medida que a natureza está no pólo do passado, este é idealizado. Há um retorno à pureza de vida dos antigos.

Nessa lógica, a população cabocla manifesta sua identidade afirmando que: “o



Portal de Boas vindas à Trilha do Pitoco. (Foto: Bruna Deitos)

caboclo é mais natural, vive sem agrotóxico e veneno. A água que bebe é natural”. Ao invés dos alimentos industrializados valorizam aqueles feitos em casa, recordando do sabor desses, produzidos artesanalmente, como a farinha de beiju fabricada no monjolo ou a farinha de mandioca produzida na atafona. Afiar a faca e foice no rebolo. Cozinhar em panela de ferro. Essa era a alimentação farta e pura dos velhos tempos. Essa vida rústica, vida natural como enfatizam, mostrava que o caboclo enfatizava e enfatiza o natural.

As mudanças decorrentes da implantação da Foz do Chapecó são percebidas como ameaças ao modo de vida caboclo, simples e natural. Nelci, esposa do Gumerindo, fala sobre um vilarejo vizinho, o Goio-En⁶, parte dele será inundado pelas águas. Ela lembra que os antigos falavam das profecias e pragas de São João Maria⁷. Segundo ela, o Goio-En, nunca teve êxito devido às pragas que lhe foram atribuídas, eles estão tentando fazer uma praça ali, pro povo ir lá, né, mais turismo... as pessoas tradicionais dali, não ficou ninguém, foram todos embora. Vai ficar algum rico que ficou com as terras, mas dos tradicionais não há mais ninguém.

O turismo que Nelci menciona no Goio-En, não se parecerá em nada com o exercido em sua propriedade. A população do lugar “os tradicionais” já não fazem parte deste cenário.

Conforme Nelci Figueira, o Pitoco, protagonista da Trilha, fará 21 anos. Ele já não acompanha os visitantes no percurso da Trilha, em consequência da idade. O Pitoco já andou sumido durante uma temporada, segundo Nelci, o haviam espancado e abandonado nas cercanias. Mas isso foi uma exceção, para a maioria dos visitantes o Pitoco é reverenciado, todos querem fotografá-lo. É possível visualizar na Internet as diferentes postagens de fotos dos visitantes com o “mascote da trilha”.

Além do nome da trilha, o Pitoco é também aparece no portal de entrada da trilha, há ainda uma estátua do mesmo no caminho.



Conselho aos visitantes sobre o comportamento na trilha. (Foto: Adiles Savoldi)

Visitantes e suas impressões...

Para realização da pesquisa foram realizadas visitas à Trilha, pesquisas na Internet, sobre experiências postadas e foram mantidos contatos com alunos na Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECO).

Quando indagados sobre como tomaram conhecimento sobre a Trilha do Pitoco, alegaram “através de amigos que já frequentavam o local” (Josiane, 23anos) , e “através de comentários de pessoas que

já haviam ido lá, de amigos e pela televisão” (Herman e Lisa, 24 anos).

Em relação à prática do Rapel, a Internet e o contato com amigos foram a principal forma de informação e divulgação. “Nas estradas que cercam o Rio Uruguai, encontram-se paisagens bucólicas, de rara beleza, com uma imensa biodiversidade de animais e plantas. Os turistas não podem deixar de conhecer também a Trilha do Pitoco, formada por cinco cachoeiras, a maior delas conta com 45 metros de altitude. Uma das quedas deságua numa piscina natural de águas cristalinas, ideal para um banho refrescante. O destino da caminhada é um deslumbrante recanto ecológico para apreciar a natureza e praticar esportes, como o rapel. (En: <http://www.pacotesdeferias.net/viagem/trilha-do-pitoco/>).

Os relatos da experiência na Trilha revelam as motivações.

A primeira vez que fui até a Trilha do Pitoco estava acompanhada por alguns amigos, na época o Pitoco (cachorro) estava desaparecido e não nos guiou pela trilha. Mesmo assim, fomos até a última cachoeira, tomamos banho e caminhamos bastante. A trilha é bem marcada e de fácil acesso. Na primeira vez não levamos nada, o único objetivo era fazer a trilha, tomar banho e “ficar de boa! Depois deste primeiro contato nos tornamos frequentadores assíduos, fizemos amizade com o seu Gumercindo e começamos a acampar. Que me lembre nunca praticamos nenhum tipo de esporte, a não ser catar gravetos para as fogueiras noturnas, afinal não existe nenhum tipo de iluminação no local de camping. A escuridão, o mato, os animais, o silêncio, as estrelas e a luz da lua ajudam a imaginação a criar e viver grandes histórias (Josiane, 23anos).

Fomos várias vezes. Com amigos e sós. Levamos comida e bebida, som, levamos violão. Som mecânico não combina com o lugar e é ‘proibido’. Acampamos. Esportes não, só a trilha. A motivação foi a beleza do local e o espírito de aventura (Lisa, 24 anos).

A caminhada ecológica, em meio à natureza e compartilhada com amigos é o

que torna a experiência mais interessante. A aventura aqui é descrita não pela adrenalina dos esportes radicais, mas no contato com a luz da lua, ambientada pela fogueira e sons dos animais. É possível perceber que muitos visitantes repetem a experiência com certa frequência.

A placa acima revela como a família Figueira orienta a conduta dos visitantes. Muitos visitantes valorizam o tratamento recebido como mais um atrativo na visita a Trilha.

Como disse, logo no início fizemos amizade com as pessoas da família, seu Gumercindo sempre nos recebeu muito bem. Quando acampamos ele sempre nos oferece salada, carne, o Freezer pra guardar produtos perecíveis, gostam muito de conversar, falar sobre o tempo, sobre as pessoas que visitam o local, e especialmente sobre as reformas e as coisas que mudaram e que ele pretende mudar naquele espaço para melhor atender os visitantes. Lembro-me que na virada de ano de 2008 para 2009 resolvemos ir acampar lá. Passamos a virada de ano com a família juntamos nossas frutas e bebidas com as deles e comemoramos juntos. Foi tudo muito simples e muito bonito, sentíamos que eles estavam felizes por estarmos lá e nós também (Josiane, 23 anos).

Nos tornamos amigos. A família do Sr. Gumercindo é gentil, de uma simplicidade bela e sincera. Conservam uma vida ‘cabocla’, humilde e serena. Já passamos até a virada de ano com eles, carnaval e outras datas comemorativas (Herman, 24 anos).

A cultura cabocla, a simplicidade, a solidariedade são percebidas e valorizadas pelos visitantes. No entanto, é importante enfatizar que os visitantes são motivados por interesses distintos. Seu Gumercindo fala que houve a necessidade de colocar placas informativas, pois havia um grupo que levava som mecânico e muito álcool, e que pouco aproveitava do local, da vivência com a natureza.

Embora a família Figueira não receba nenhum subsídio do município para promover o turismo no local, sua atuação promove uma prática educativa no sentido de

respeito ao meio ambiente, orientando os visitantes para que não promovam qualquer tipo de poluição, como o exemplo acima; “som alterado não deixa: ouvir o cantar dos pássaros e o trilhar das águas”.

A confraternização também é relatada no convívio com os demais visitantes da Trilha.

Existe um fluxo maior de pessoas durante o dia, em geral as pessoas respeitam o local. Durante o percurso da trilha as pessoas se ajudam e se cumprimentam, é um clima bem interessante (Josiane, 23 anos).

O relacionamento com outros visitantes sempre foi amistoso e tranquilo, pois a grande maioria de quem visita o local, cremos que seja com a intenção de busca da ‘paz’ interior, do desencilhamento momentâneo com a cidade e seu ritmo mecânico (Herman e Lisa, 24anos).

A interação entre alguns visitantes é contagiada pelo clima amistoso e tranquilo, opondo-se ao “ritmo mecânico da cidade”. O tempo é vivenciado de outra forma, sem o imperativo do relógio. Nesse contexto se vive a natureza e se sente fazendo parte dela.

Uma experiência de troca. A natureza prevalece, chegando ao ponto de ser mais importante estar junto, fazer parte dela. O homem sendo parte da natureza, este é o sentimento que enlaça o homem, caso contrário, resta o desconforto, o medo do desconhecido que toda a natureza oferece aos que não se relacionam com ela, não se entregam a situação, tentando compreendê-la para poder participar do meio (Herman, 24 anos)

Segundo os entrevistados se entregar à natureza é uma aventura, e essa aventura inicia no trajeto da Trilha.

É uma aventura, sempre brincamos que pra chegar até a Trilha do Pitoco o motorista tem que ser bom de braço, embora durante certo trecho a estrada seja um pouco esburacada, o visual é lindo, e sempre fizemos várias paradas para fotografar o Rio Uruguai (Josiane, 23 anos).

Os praticantes de esportes radicais falam que a adrenalina já inicia no trajeto da trilha com estrada de chão, com alguns trechos bem irregulares. Os Jipeiros

consideram o local adequado. No entanto com a instalação da Foz são perceptíveis as mudanças na infra-estrutura do local. Essas transformações são expressas por representantes da Foz e administradores locais como sinônimo de modernidade. No entanto, a maior parte dos entrevistados teme o fim da tranquilidade do lugar.

Acredito que sim, a construção da Foz do Chapecó vai alterar o espaço e a relação das pessoas com a trilha, pois na ultima vez que a visitamos já havia uma ponte construída a alguns metros da casa do Seu Gumerindo, ele nos disse que a água do Rio vai subir e vai ficar a mais ou menos uns 50 metros das terras dele, as estradas também melhoraram bastante, o que facilita o acesso (Josiane, 23 anos).

Achamos ruim, pois a construção da Foz pode alterar sim a relação com a trilha, aos poucos. Principalmente no clima. Algumas plantas, o solo e o ar, sofrerão influências da barragem. Não sabemos ainda o que isso pode gerar, mas, não sendo algo natural e sim artificial, forçado pelo homem, a natureza responderá (Herman e Lisa, 24 anos).

A oposição entre a tradição e a modernidade remete às polaridades atribuídas ao conceito de natureza seja como criação divina ou como produto da cultura em decorrência da intervenção humana.

A humanidade faz parte da natureza, no entanto, a polaridade natureza e cultura, segregação operada pela ciência e solidificada pela sociedade industrial, construiu uma oposição entre o natural e o artificial. A intervenção humana na natureza é vista como ameaçadora é concebida como geradora de artificialidade. “Estão mexendo com a natureza”, o clima vai mudar...

A visita aos santuários naturais, paraísos ecológicos, retomando Ribeiro e Barros (1994), possibilitam uma experiência de reencantamentos com uma natureza, entendida como algo fora ou além da cultura, que resistiu bravamente à intervenção humana. Aqui especificamente a natureza é tomada como um patrimônio natural que deve ser preservado.

A modernidade, na Trilha do Pitoco, pode trazer outros turistas, no entanto, ela pode quebrar o encanto, impossibilitar a retomada do tempo paradisíaco, Kairos pode ser substituído por Chronos. A ordem e o conforto da modernidade podem

dessacralizar a experiência com a natureza.

Bibliografia

- Bourdieu, Pierre
1997 A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, Pierre.
1989 O Poder Simbólico. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil.
- Carneiro da Cunha, Manuela e Almeida, Mauro Barbosa
2002 Enciclopédia da Floresta. O Alto Juruá: Práticas e conhecimentos das populações. São Paulo: Companhia das Letras.
- Eckert, Cornelia
2008 “As variações “paisageiras” na cidade e os jogos da memória”. In: Revista Iluminuras - Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais - NUPECS/LAS/PPGAS/IFCH e ILEA/UFRGS ILUMINURAS, 9(20).
- Geertz, Clifford
1998 O saber local – novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, Vozes.
- Kesselring, Thomas.
1992 “O conceito de natureza na história do pensamento ocidental”. Revista Ciência & Ambiente, Universidade Federal de Santa Maria, jul/dez, 3(5):19-40
- Leonel, Mauro
1998 A Morte social dos rios: conflito, natureza e cultura na Amazônia. São Paulo. Perspectiva; IAMA; FAPESP.
- Luchiari, M Tereza Paes
1997 “Turismo, Natureza e Cultura Caiçara: Um novo colonialismo?” In Serrano, Célia Maria de Toledo; Bruhns, Heloisa T (orgs.). Viagens à natureza. Turismo, cultura e ambiente: 59-84.. Campinas, SP: Papirus
- Renk, Arlene e Savoldi, Adiles.
2009 Os caminhos de São João Maria: manifestações populares da fé no Monge. Disponível em : http://www.doladodecadorio.com.br/file/5682_file.pdf
- Ribeiro, Gustavo Lins; Barros Flávia Lessa de
1994 A corrida por paisagens autênticas: turismo, meio ambiente e subjetividade na contemporaneidade. Brasília. Disponível em <http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie171empdf.pdf>

- Serrano, Célia Maria de Toledo.
1997 “Uma introdução à discussão sobre turismo, cultura e ambiente”. In Serrano, Célia Maria de Toledo; Bruhns, Heloisa T (orgs.). Viagens à natureza. Turismo, cultura e ambiente: 11-26. Campinas, SP: Papirus.

UNESCO

- 2003 Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Paris, 17 de outubro.

UNESCO

- 1972 Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Paris, novembro.

NOTAS

1 Esta pesquisa faz parte do projeto “Nas margens do Rio Uruguai: saberes locais das populações ribeirinhas.”, Financiado pelo FAPE – Fundo de apoio à pesquisa da Unochapecó.

2 Alguns trechos das falas dos entrevistados foram modificadas, sem prejudicar o sentido, para adequar as expressões à língua padrão.

3 Documento de crédito, expedido por instituição de crédito, como compensação pela área de terra desapropriada. O beneficiário, ao encontrar um pedaço de terra que lhe satisfaz, apresenta o documento, que tem valor equivalente a moeda.

4 http://www.ceo.udesc.br/pagina/caderno_rural_2_edicao.pdf

5 Turismo/news/210350/?noticia=CHAPECO+MOS TRA+POTENCIAL+DE+TURISMO+RURAL

6 Goio-En, às margens do Rio Uruguai foi uma comunidade que surgiu a partir de pouso de tropas, século XIX. Apesar de antigo, para o critério da região, manteve-se com população reduzida e o empreendimento da Foz o Chapecó inundará o povoado.

7 Para maiores informações consultar: Renk, Arlene; Savoldi, Adiles. Os caminhos de São João Maria: manifestações populares da fé no Monge. In: http://www.doladodecadorio.com.br/file/5682_file.pdf

Recibido: 24/08/2010
Reenviado: 30/09/2010
Acceptado: 29/12/2010

Sometido a evaluación por pares anónimos